

O frenesi dos gastos militares



Por **GILBERT ACHCAR***

Complexos industriais militares em todos os lugares estão esfregando as mãos de alegria

Hoje vemos um paradoxo impressionante. A mídia ocidental ecoou todos os tipos de especialistas militares e fontes de inteligência enfatizando até que ponto o poderio militar russo foi superestimado antes da invasão; quanto se mostrou mais fraco do que o esperado em todos os níveis, incluindo suas capacidades logísticas e implantação de armamento sofisticado; e quanto dano o ataque criminoso de Vladimir Putin à Ucrânia trouxe sobre a própria Rússia, sua economia e seu potencial militar. E, no entanto, vários governos da OTAN aproveitaram a oportunidade desta guerra, que obviamente está enfraquecendo a Rússia, para se envolver em um frenesi de aumento dos gastos militares.

Complexos industriais militares em todos os lugares estão esfregando as mãos de alegria. O alto escalão dos exércitos da OTAN está novamente recorrendo ao velho truque de superestimar as ameaças, como costumava fazer em relação à União Soviética durante a Guerra Fria, para defender o rearmamento. Tal termo é totalmente inadequado, dado que os exércitos da OTAN nunca foram desarmados para início de conversa; em vez disso, eles estavam constantemente super-armados durante a Guerra Fria e, desde então, mantiveram níveis excessivos de armas. Além disso, quaisquer entregas de armas defensivas feitas ao povo ucraniano são apenas uma pequena parte dos gastos militares em andamento - nem mesmo 1% de todos os gastos da OTAN que o presidente da Ucrânia tem pedido.

Não contente com os gigantescos gastos militares atuais dos Estados Unidos, que totalizaram US\$ 782 bilhões no ano passado - acima dos US\$ 778 bilhões gastos em 2020, o que representou, [segundo o Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo](#), 39% dos gastos militares globais, mais de três vezes a da China (US\$ 252 bilhões) e mais de doze vezes a da Rússia (US\$ 61,7 bilhões) — Joe Biden agora está solicitando US\$ 813 bilhões para o próximo ano fiscal (US\$ 773 bilhões para o Pentágono e mais US\$ 40 bilhões para programas relacionados à defesa no FBI, Departamento de Energia e outras agências). De acordo com o subsecretário de Defesa, Michael J. McCord: "Este orçamento foi finalizado antes da invasão da Ucrânia por Putin. Portanto, não há nada neste orçamento que tenha sido alterado especificamente porque era tarde demais para alterá-lo, se quiséssemos, para refletir as especificidades da invasão".

A Alemanha também aproveitou a oportunidade da guerra para se livrar dos últimos resquícios de sua autolimitação militar pós-1945. Isso mais uma vez veio sob o chanceler social-democrata (SPD), [Olaf Scholz](#), seguindo o precedente da participação alemã no bombardeio da Sérvia sob Gerhard Schröder, também do SPD, que mais tarde converteu sua posição em vantagens altamente remuneradas com a indústria russa de gás. Berlim decidiu por um grande e imediato aumento de € 100 bilhões (US\$ 110 bilhões) em seus gastos militares e um aumento permanente maciço para mais de 2% do PIB, contra 1% em 2005 e 1,4% em 2020. A Grã-Bretanha no ano passado se [tornou o segundo e terceiro maior gastador militar da OTAN no mundo](#).

Sem surpresa, esse renovado frenesi de gastos militares se traduz em dias felizes para os interesses industriais envolvidos na produção de meios de destruição. Uma reportagem recente do jornal francês [Le Monde](#) forneceu uma visão instrutiva do impacto financeiro de tudo isso: depois de citar Armin Papperger, chefe da Rheinmetall, uma das principais fabricantes de armas da Alemanha, que se queixou em janeiro da reticência dos fundos de investimento em trabalhar com sua empresa, o jornal informou que a atmosfera mudou completamente. Acrescenta que o Commerzbank, um dos maiores bancos alemães, anunciou sua decisão de transferir parte de seu investimento para a indústria de armas.

a terra é redonda

Na França, após uma tendência crescente de desinvestimento financeiro na indústria de armas sob pressão dos cidadãos por responsabilidade ética - especialmente à luz da terrível contribuição das vendas de armas ocidentais para a destruição do Iêmen pelo reino saudita - Guillaume Muesser, diretor de defesa e assuntos econômicos da Associação Francesa das Indústrias Aeroespaciais, disse ao *Le Monde* que "a invasão da Ucrânia é um divisor de águas. Isso mostra que a guerra ainda está na agenda, às nossas portas, e que a indústria de defesa é muito útil".

Não é difícil imaginar a atual euforia que prevalece entre os fabricantes de máquinas mortíferas nos Estados Unidos, como a Lockheed Martin, a maior produtora de armas do mundo. A Alemanha decidiu comprar seus jatos F-35, cuja capacidade de transportar armas nucleares foi explicitamente mencionada como um argumento fundamental para optar por eles, embora a Alemanha não tenha armas nucleares próprias. O custo unitário desses aviões é de cerca de US\$ 80 milhões. O preço das ações da Lockheed Martin atingiu o pico de US\$ 469 em 7 de março, após o anúncio alemão, acima dos US\$ 327 em 2 de novembro - um aumento de 43,4% em apenas quatro meses.

A mudança no clima global desde o final do ano passado é impressionante. Em dezembro passado, um apelo assinado por mais de cinquenta ganhadores do Prêmio Nobel pedia a adoção do que eles chamavam de "[uma proposta simples para a humanidade](#)": "Os governos de todos os estados membros da ONU devem negociar uma redução conjunta de seus gastos militares em 2% a cada ano por cinco anos. A justificativa para a proposta é simples: (1) As nações adversárias reduzem os gastos militares, de modo que a segurança de cada país é aumentada, enquanto a dissuasão e o equilíbrio são preservados. (2) O acordo contribui para reduzir a animosidade, diminuindo assim o risco de guerra. (3) Vastos recursos - um "dividendo da paz" de até 1 trilhão de dólares até 2030 - serão disponibilizados. Propomos que metade dos recursos liberados por este acordo sejam alocados a um fundo global, sob supervisão da ONU, para enfrentar os graves problemas comuns da humanidade: pandemias, mudanças climáticas e pobreza extrema".

Talvez tal proposta possa ser considerada ingênua ou utópica. No entanto, está realmente inscrito no Estatuto da ONU entre as funções da Assembleia Geral: "A Assembleia Geral pode considerar os princípios gerais de cooperação na manutenção da paz e segurança internacionais, incluindo os princípios que regem o desarmamento e a regulamentação dos armamentos, e pode fazer recomendações sobre esses princípios aos Membros ou ao Conselho de Segurança ou para ambos".

A invasão russa da Ucrânia deve ser um alerta para o movimento global antiguerre, cujos principais setores negligenciaram esses objetivos pacifistas para se concentrar exclusivamente na oposição política aos governos ocidentais. A atual apreensão oportunista da guerra como pretexto para um grande aumento no belicismo e nos gastos militares reverte fundamentalmente as lições que devem ser extraídas da tragédia em curso.

Longe de justificar tais atitudes, a invasão russa da Ucrânia mostrou o alto risco das posturas militaristas. E nenhum aumento nos gastos militares mudará o equilíbrio básico de forças com a Rússia, país que possui mais ogivas nucleares do que os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França juntos, e cujo presidente não hesitou em brandir a ameaça de recorrer à sua força nuclear.

O movimento antiguerre deve apoiar o apelo dos vencedores do Prêmio Nobel e lançar uma campanha global coordenada exigindo que a Assembleia Geral das Nações Unidas coloque as propostas do apelo em sua agenda. Está agora mais claro do que nunca que não pode haver progressos sérios na guerra contra as alterações climáticas em particular, da qual depende o futuro da humanidade, sem uma redução maciça e reconversão das despesas militares, que são em si uma importante fonte de poluição, morte e miséria.

***Gilbert Achcar** é professor de relações internacionais na University of London. Autor, entre outros livros, de *Morbid Symptoms: Relapse in the Arab Uprising* (Saqi Books).

Tradução: **Cauê Seignemartin Ameni** para o site da revista [Jacobin Brasil](#).